



**OSCAR CALIXTO**

# **Minha Vida na Lembrança**

**(Ou Memória do Caos Humano)**

**Rio de Janeiro**

[oscarcalixto@oscarcalixto.com](mailto:oscarcalixto@oscarcalixto.com)

# Minha Vida na Lembrança

de  
Oscar Calixto

Título do original:  
*Minha Vida na Lembrança ou Memórias do Caos humano.*  
© Copyright de Oscar Calixto  
Rio de Janeiro, 2003.

Esta peça, na presente tradução, só poderá ser representada ou utilizada, no todo ou em parte, seja por que processo for, mediante autorização expressa da SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

-Av. Almirante Barroso, 97, 3º andar,  
Rio de Janeiro.

Todo abuso será considerado violação da propriedade intelectual, nos termos dos Códigos Civil e Penal.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2003.  
Oscar Calixto – Ator/Dramaturgo.

[www.oscarcalixto.com/teatro\\_oscar\\_calixto.htm](http://www.oscarcalixto.com/teatro_oscar_calixto.htm)  
[oscarcalixto@oscarcalixto.com](mailto:oscarcalixto@oscarcalixto.com)

# Minha Vida na Lembrança

*“Não pode haver arte verdadeira sem vida. Ela começa onde o sentimento assume seus direitos”.*

*(Constantin Stanislavski)*

## DEDICATÓRIA

A todos os amantes da vida e do teatro.

Programa de estréia de Minha Vida na Lembrança  
Teatro da Constituição  
17 de julho de 2003.

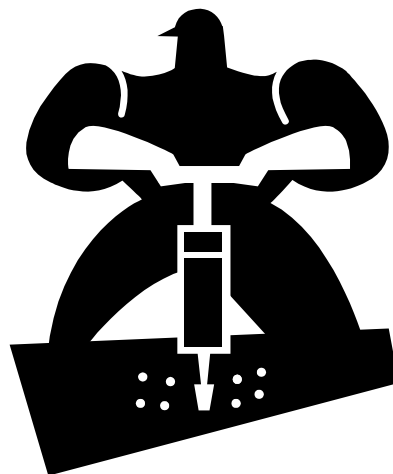
MINHA VIDA NA LEMBRANÇA  
de  
Oscar Calixto

Direção: Cico Caseira

Elenco:

Vida Mendiga.....	Pedro Monteiro
La Solitude.....	Luisa Van Erven
Desc. apesar do abrigo.....	Flávia Naves
Natasha por Maria.....	Luisa Van Erven
Numa mesa de jogo.....	Oscar Calixto
Desgosto de filha.....	Flávia Naves
Pai.....	Pedro Monteiro
Mãe.....	Luisa Van Erven
Filho.....	Oscar Calixto
Filha.....	Fabíola Sens
Sonhos e Esperança.....	Fabíola Sens
Um pouco de Loucura.....	Pedro Monteiro
Minha vida na Lembrança.....	Fabíola Sens
Arte pela Arte.....	Oscar Calixto

VIDA MENDIGA



(Um mendigo aproxima-se. Um velho saco nas costas, vestes sujas e vividas, uma bengala e um velho paletó. Ele chega, senta-se em um canto qualquer e começa a sua rotina... Os transeuntes passam, mas nem atenção dão ao miserável.).

Uma esmolinha pelo amor de Deus; uma esmola a um pobre desesperado; uma esmola a quem tem fome, senhor. Uma esmola por caridade... Uma esmola... uma esmola... uma esmola... Esta é a minha sina: mendigar, pedir, esperar de alguém o que não tenho para mim. Não estou aqui reclamando da minha dor...*(passa um homem)* Uma esmola, meu senhor... *(o homem deixa cair umas pratas)* Obrigado. Este é o meu destino. É certo que nunca precisei pedir, tinha pouco, mas tinha o bastante para me suprir. Hoje o que me resta é isso: pedir. E que triste sina é pedir... Há aqueles que acreditam que só pede quem tem preguiça, que só não trabalha quem não procura, que só passa fome, quem não se ajuda.*(passa um outro homem muito bem vestido)* Bom dia, meu senhor, me dê um trocado? *(não dá a mínima)* Coitados, esquecem que nem todos têm oportunidade, que para muitos esse é o destino que o nosso país proporciona. Mas me diga, será que existe quem não quer ser alguém na vida? Mendigar não é propósito, é destino. *(Passa uma senhora que gentilmente deixa cair algum trocado.)* Poucos compreendem que isto é involuntário, e até cedem algum trocado. *(Passa um casal a quem o mendigo pede)* Uma esmola, pode ser qualquer trocado. *(O casal deixa um bocado)* Muito obrigado. Que triste sina é mendigar, não ter onde dormir, não ter com quem falar. Apenas um animal me faz companhia, mas creio que ontem foi o seu dia. Não deu notícia, ou não quis voltar. Era um cachorro mendigo, igual a mim, me fez companhia, e até a comida dividia. Este foi amigo, dormia ao meu abrigo, e sempre me defendia, não pedia trocado, isso eu fazia, mas me fez carinho, coisa que ninguém faria. Que triste sina é mendigar, só como pão e água fria, vez ou outra é que me vem Maria, a dona da sapataria, que me traz a sobra do seu dia. Não é pobre, mas me parece que também mendiga. Vejo no seu olhar algo triste e sem esperança, que desde criança eu via no olhar de outra Maria, mulher de seu Joaquina, filho primeiro do seu Junqueira que trabalhava na Mangueira, e que viu seu filho morrer em pleno trabalho, preso numa máquina de prensar, nem o seu acuda ninguém pôde escutar. *(Passa uma mulher bem servida de vestes e de corpo e de birra)* Uma esmola, por favor, eu peço uma esmola. *(A mulher passa e não deixa trocado)* Mendiga não só aquele que não come e que na rua dorme, sem que se conforme, por não ter o que muitos tem e nunca querem compartilhar. Mendiga todo aquele que não dorme. Eu queria gritar para o mundo escutar que eu não estou mendigo porque quero estar, que eu não esmolo porque quero esmolar. Eu sou de fato uma vítima! Sem querer lhes culpar, mas eu sou produto do completo desalinho que com todo carinho tratam os poucos ricos de me deixar. Não que eu queira me desculpar, mas dessa vida mendiga, não há mais o que esperar. Os ricos são tão ricos que nem aos pobres querem dar. *(Passa um homem de paletó, bem vestido e ao telefone celular)* Uma esmola, por favor, queira deixar... *(mudando de tom)* Isso me cansa, não me traz esperança. Triste sina é mendigar, queria sim trabalhar, mas que emprego vou arrumar, se até os pobres

que tem teto necessitam muito batalhar e experiência comprovar para um cargo ocupar? *(Passa uma senhora católica que a ele vai ajudar)* Favoreça a um pobre que tem fome. *(E a senhora dá.)* Essa não deu porque quis dar, bem ali é a igreja, e ela acabou de rezar. Vivo esse mistério, conheço todos que querem dar. Essa faz pra se aliviar, com Deus quer quite estar. Não dá por ajudar, dá para receber o que a Deus pede pra fazer, faz para nunca esquecer que aos pobres ela soube ajudar, mesmo dando o que acabou de me dar. *(Passa um homem)* Uma esmola, estou com fome, por favor, me ajude *(ele para, volta e dá)* Esse é o nome: Fome. Que a muitos faz voltar, não sei se voltam porque se chocam, ou se dão para ajudar. Sei que este nome faz chocar. *(Passa uma jovem que não dá)* Linda moça, queira ajudar... Não adiante é jovem, não dispensa nem olhar. Os jovens andam duros, só querem gastar, dar a um mendigo? Pra que? Em que vou ajudar? Pobres pobres, são mais pobres que todos os pobres, mais pobres que eu, que só os trocos sei contar. Que triste destino é mendigar, ter que pedir, ter que implorar pra que um outro queira dar o que eu não tenho onde buscar. Tenho muitos anos neste ofício, muitos mendigos vi passar, vez ou outra me vem seu Firmino, que acompanhado do Ivino, me trás cobertas para me esquentar. Coitados, também me são mendigos, não sei bem de quê, mas estão a mendigar. Mendiga não só aquele que na rua está por não ter onde morar, mendiga todo aquele que necessita ou não tem para dar. E eu não falo isto, não pensem, somente do dinheiro, falo também do sentimento que hoje, muitos vivem a mendigar. *(Passam muitas pessoas, uma atrás da outra, e o mendigo se desespera a pedir, mas nenhum deles dá.)* Uma esmola, uma esmola, por favor, queiram ajudar, uma esmola a um mendigo, comida a quem tem fome, uma esmola, por favor, queira deixar... Uma esmola... uma esmola... uma esmola... Se foram todos, ninguém quis me ajudar.

LA SOLITUDE



*(Uma mulher bem vestida, preparada para sair, mas ainda com um copo na mão, apresenta-se à platéia e comenta sua vida...).*

Não estou bela? Linda. Diria eu... maravilhosa, bonita, formosa, de fato cheirosa. Se saio, muitos dirão gostosa! *(risos)* Sou feliz sim, não minto, não nego. Tenho casas, carros, não mendigo, nem peço, tenho muito dinheiro e empregados dispostos a me servir à hora que eu quiser... *(Com sentimento e negando toda felicidade apresentada)* Mas sozinha eu padeço. Não sei bem se mereço, mas sempre assim amanheço. Não que homens eu não consiga, consigo sim, sou muito rica. Talvez o mistério dessa vida, seja mesmo o dinheiro. Olhem pra mim... Bem vestida, bem bonita, e quando quero, na cama aquecida. Mas eu não quero dessa vida um homem que me sirva apenas a troco de dinheiro, nem que me persiga dizendo-se apaixonado, pra ficar do meu lado e comigo ter boa vida. Engraçado, quando criança, eu pedia um namorado, pedia a uma estrela, a mesma que ainda hoje peço. Um príncipe encantado, um homem que me seja amado, que me queira ao seu lado e me faça me sentir Mulher. E não precisava ser endinheirado, eu queria apenas um namorado, um namorado apaixonado. *(bebe um pouco)* Como eu fui tola nessa vida... Lutei, batalhei, e hoje tenho tudo que queria, mas não tenho quem me faça um carinho, quem me desmonte a ferradura, quem me dê abrigo, quem se deite ao meu lado e me faça sentir a noite o que eu não sinto de dia, que me faça ser o que eu não sou no dia a dia. *(Reflete e como se tivesse lido num livro de um poeta recita...).*

<sup>1</sup>C'est le qui l'esprit cherche des gens:

Sous toujours en front jamais derrière.

*(E entre um copo e outro...)* Minhas amigas acham bobagem o sentimento. "Ora, o que é um sentimento?" É assim que perguntam. "O amor é um sentimento", eu lhes dou como resposta, mas elas rebatem "É um lapso da loucura". Loucura... Loucura é não amar, não ter nada pra dar. Solidão! A vida avança e ela renasce sempre dentro de nós, e vai como um oceano que em ondas se quebra diante de ti. Tudo enfim está errado porque sei que da solidão não se vive mais! *(Há essa altura ela não mais saboreia a bebida e já começa a virar o copo.)* Que é mais frágil a uma mulher? Padecer sozinha, ou mal acompanhada? A solidão não é tão bela, é triste, é pobre, é nada. Alegria eu tenho, é só meter a mão no bolso. Eu quero é felicidade, eu quero um homem, um homem de verdade. Mas não basta ser homem, tem que ser Homem! Tem algum? Creio que não, eu não encontro. Definição de homem: Indivíduo do sexo masculino, caracterizado por ter cérebro volumoso, posição ereta, mãos preênsas e pinto ágil, com preferências características, ou seja, que sobe com bainha *(faz o gesto)*, inteligência dotada da faculdade de abstração e generalização e que tem, assim como os outros animais, a característica de dominar o seu grupo, nesse caso a família. E por tudo isso eles se acham Homens! Coitados, são burros! Homem é aquele que sabe amar, que

<sup>1</sup> É isto que o espírito procura das pessoas:

Estar sempre à frente, jamais atrás.

"O Poeta Laureado", Oscar Calixto.

sabe fazer um carinho, que sabe dizer coisas bonitas, esses sim, são Homens! Eles sabem como agradar e fazer uma mulher se sentir Mulher.

<sup>2</sup>Je souffri, j'approuve et j'estime  
Que le pompeux et le sublime,  
Por moi, j'ose poser en te enfin.

A isso eles respondem: "Não vivem sem um pinto!", (*apontando para as partes íntimas*) "É dos carecas que elas gostam mais..." e a pior de todas: "De dia tu come pinto e de noite pinto te come..." Que grosseria... Pensam que uma mulher só vive se for com um pinto entre as pernas! Eu quero um Homem! Aqui tem algum Homem? Ou somente idiotas? Parece que a espécie morreu, só restaram os idiotas. Adoro os homens: Eles são grosseiros, estúpidos, interesseiros, insanos, aristocratas, quando não são burros, ignorantes e completamente babacas... Ah, padecer sozinha, este é o meu destino. Onde encontrarei um homem que não seja homem em seu instinto? Triste martírio é a solidão, não consigo saber o que é melhor para mim, mulher, se padecer sozinha, ou se mesmo ao lado de um homem continuar em completa solidão. (*Pausa para seu último gole, vestindo-se numa bela casaca*) <sup>3</sup>Solitude, Che di rubino mi cielo colore, (*pega a bolsa*) un vento novo ti darei! Vou procurar um idiota! (*sai*).

(B.O)

---

<sup>2</sup>Eu sofro, aprovo e estimo  
Que o fausto e o sublime,  
Por mim, eu ouse pôr em ti enfim.  
"O Poeta Laureado", Oscar Calixto.

<sup>3</sup> Solidão, que de vermelho colore o meu céu, novos ares te darei!

DESCONFORTO  
APESAR DO ABRIGO



*(Uma mulher arrumando sua casa. Houve sua rádio predileta enquanto lustra os móveis. O marido chega e percebe-se entre os dois uma certa estranheza. Ele entra, deixa sua mala sobre a cadeira, desliza o indicador sobre a mesma e mostra vestígios de poeira reprovando o serviço de doméstica da mulher. Ele entra, ela o segue, irada, brigam e depois ela retorna ao palco revoltada.)*

Vai-te pra puta que pariu, canalha! *(contém a sua fúria, mas ainda um pouco agitada conversa)* Se tem uma coisa que eu detesto nessa vida é ser agredida. E não precisa ser agressão física, dói mais a emocional. De onde vem esse instinto animal? Dizer coisas para ferir, magoar, fazer sofrer, desabar. Antes eu não estivesse aqui, seria melhor. Queria agora sumir desse mapa e não aparecer nunca mais na vida desse canalha. Gostaria de saber que direito tem um ser humano de invadir o seu preceito e julgar o seu defeito sem antes te consultar. Que diabos que há? Eu não consigo ser feliz. Querem invadir o meu espaço. Fico pensando... Como podem me julgar por não ser o que os outros querem que eu seja? Eu sou o que sou, ora, que há demais em ser humano? *(Arrumando a casa)* Às vezes penso que não sou capaz, a tristeza é voraz, mas eu não consigo, jamais, agredir a um outro como ele me faz. Desconforto, apesar do abrigo, é isso que eu sinto. Penso até que seja muito mais, diria que seria até uma forma audaz de reprimir a liberdade. Penso o que acho, acho o que digo, digo o que quero e quero o que faço. E é assim que sobrevivo. Sou viúva de marido vivo. Não tenho paz, apesar do abrigo. Antes era meus pais, agora, o marido. Que diabos tem eles todos? Só querem controlar? Eu estou cansada. Só sirvo para cozinhar, lavar, passar? E a minha vida onde está? Devia ter nascido sapata, seria melhor do que o pior de tudo. *(mudando de tom, sentindo o silêncio...)* Não há nada melhor do que estar sozinha. Eu cultuo a liberdade. Adoro fazer yoga, meditar bastante, cantar meu mantra. Mas parece impossível, até disso perdi a liberdade. Olha, quer um conselho, não se case. Curta bastante a sua liberdade. Casar é um ato de insanidade.

*(De dentro o marido grita...)*

**MARIDO**

Ô Flávia, onde é que está a tacha?

**FLÁVIA**

Procura que você acha.

**MARIDO**

Você sumiu com a tacha?

**FLÁVIA**

Se faz de doido ou se acha?

**MARIDO**

Botou no cú essa tacha?

**FLÁVIA** *(abismada)*

Ham... Que coisa baixa! Viu? Agora vai lá e se casa, depois você se taxa de Natasha, vai ser empregada doméstica e tira do cú essa tacha! *(Revoltada desconta nos móveis da casa)* Ai, meu Deus, eu vivo de migalha! Nada sou, só empregada. *(voltando a si)* Vou te contar uma coisa: Eu casei, não foi por nada. Eu casei porque amava, mas agora virei escrava. O que era doce acabou, ele, que era fino, engrossou e agora o amor e o respeito não existem mais. *(Pausa começa a arrumar o que bagunçou)* Sinto falta da minha vida de solteira, das noites com as amigas, da farra que a gente fazia na casa da Luzia. Casei muito nova, eu acho. Hoje cada uma segue seu destino, uma é médica, outra advogada, uma é atriz, e eu... uma escrava. Num completo desconforto apesar do abrigo, é assim que eu vivo. Acredite, não tenho marido, nem na cama mais vejo ele vivo! Há muito tempo não me sinto mulher, nem pessoa, nem ser humano. Não sou nada, sou o vácuo, um engano. Às vezes me pergunto "pra que teria nascido?" Pra ser escrava? Viúva de marido vivo? Pra ser criticada? Isolada do mundo em que vivo? Creio que não, isso não faz sentido. Desconforto apesar do abrigo, isso é o que dá viver debaixo do marido. Eu devia ter estudado, me formado, ter feito o meu mestrado. Hoje ele estava calado, domado e por mim sendo mandado. Que crueldade, que maldade eu fiz ao meu destino! Acho mesmo que me faltava um pino. *(com sentimento)* Porque é que eu não fui casar com o Josino? Ele sim era um homem de verdade. Mandava flores, lavava os pratos, encerava a casa, arrumava as roupas, me elogiava... Minha mãe adorava, o meu pai detestava. Dizia que não rendia, que não prestava, que o neto que queria não ia dar em nada. O fato é que ele assombrava, diziam que era gay, mas eu não achava, não deu certo, eu não o amava. *(Pega um espelho, se olha e percebe seu estado degradante. Arruma os cabelos e passa um batom).*

**MARIDO**

Ô Flávia!

**FLÁVIA**

O que é Gazela?

**MARIDO**

Onde você enfiou a porra da panela?

**FLÁVIA**

Já procurou por ela?

**MARIDO**

Não vou adivinhar onde você socou essa merda não!

**FLÁVIA**

Espera, amor, espera que eu já vou te mostrar... Tem horas que tem que ter calma, senão ele me ferve a alma. Faço de tudo para ter controle, faço igual a

vizinha aqui do lado (*concentrando-se*) Todo ódio já foi queimado, todo ódio já foi queimado, já foi queimado...

**MARIDO**

Ô Flávia!

**FLÁVIA**

Já foi queimado...

**MARIDO**

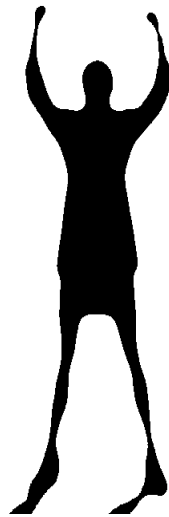
Flávia!

**FLÁVIA**

O que é seu veado, filho da puta, desgraçado... (*sai*)

(B.O)

NATASHA POR MARIA



*(Cena de uma prostituta em sua rotina. Blackouts seguidos. Agora, em sua casa começa a despertar e então se dispõe a fazer tarefas comuns de quem acorda.).*

Sou da vida, não nego, comecei aos quatorze, nos Arcos da Lapa. Entrei nessa vida não por vontade, mas por necessidade. Precisava de dinheiro, não fiz por maldade. Maria da Rocha Batalha, esse é o meu nome, de noite me chamam Natasha. Ser puta é uma desgraça, mas eu não tenho escolha, essa é a minha praça. Até tentei trilhar outros caminhos, buscar um emprego, ou homem rico e sozinho. Mas me fecharam as portas na cara. O homem encontrei, mas me trocou por Sara, uma prostituta da minha vara. Me desculpem por estar fumando, sei que aqui é proibido, mas é que o cigarro me ajuda a controlar a minha ânsia de falar, me ajuda a dizer porque é que eu fui ser Natasha, a morena linda da Lapa. O pior do meu trabalho, não é o próprio trabalho, e sim o rótulo que, por ele, acabam me dando: Puta. Por que não trabalhadora autônoma, ou empresária? Não deixo de ser uma. Faço isso para o meu sustento, não por diversão, ou liberdade. Não existe profissão prostituta, é verdade, *(começa a mudar a roupa que está vestida)* seria um caos registrar isso. Todos reclamam: políticos, empresários... Todos são contra, e até fazem campanha, já até me expulsaram dizendo que não sou dama. Mas até esses acabaram na minha cama! Não sou dama, confesso, mas a todos peço: Não me tratem por puta ou por mulher que é suja. À noite eu sou Natasha, mas de dia, eu sou Maria. Sempre que comigo se deitam e começam a dizer "Vai sua puta" eu paro tudo e digo: Não me chama de puta! Parece loucura uma puta que não é puta, mas creiam, sou assim, não nasci pra ser puta. Faço meu trabalho e nele faço de tudo, mas não sinto prazer por inteiro, penso no dinheiro e isso é tudo. O que eu quero dizer... é que eu também sou gente. Não sei porque me olham diferente. Certo dia me disseram: -Vagabunda, faz do teu corpo um mercado! Eu disse: -Gente imunda, falar de mim é o teu pecado! *(pausa)* Sempre que estou num lugar com muita gente, como esse, penso: "Quantos tem ódio de mim?", "Quantos me taxam por fim?" e "Quantos me procuram mesmo assim?" Na vista, constato, foram vários! Políticos, empresários, foram vários! Não sou vagabunda, eu tenho um trabalho. Não gosto do que faço, mas faço porque preciso. Que mulher tem prazer em deitar com um qualquer? Eu te digo, nem mesmo as putas, todas fazem pensando em algum. Pra ser puta é preciso ser artista. Talvez seja por isso que tantas artistas sejam putas e tantas putas sejam artistas. *(Olhando para os dedos)* Tenho uma vida difícil, não queiram vivê-la. *(começa a aprontar uma mamadeira)* Eu sou mãe, tenho dois filhos, e por eles eu faço isso. Não morrem de fome, eu tenho compromisso. O menor tem dois anos, o maior é meu amigo, não me chama de mãe, me chama Maria. Por causa de sua tia, que na hora da raiva lhe disse que sou Natasha, a morena bonita da Lapa, e que só de dia é que eu me chamo Maria. Eu ajudo, dou sustento, mas não sou mãe, sou vadia. Sinto-me ferida por dentro e amarga nessa vida. Me refugio, não tenho alento, mas ando sempre de cabeça erguida.

Sou Natasha e sou Maria,  
Puta à noite e mãe de dia  
Sou Natasha e sou Maria,

Sou gente humana, não só vadia.  
Sou Natasha e sou Maria,  
E quem de nós que não seria?  
Sou Natasha por Maria,  
Putá à noite e mãe de dia.

*(O filho começa a chorar. Sai com a mamadeira nas mãos.)*

(B.O)

NUMA MESA DE JOGO



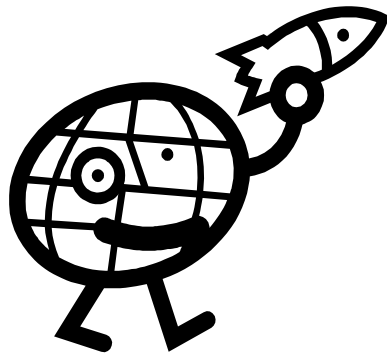
*(Vários jogos espalhados. Um homem que joga todos compulsivamente enquanto fala...).*

Sou escravo do jogo. Perco tudo o que aposto, te digo, não gosto, mas só me sinto feliz quando estou jogando. Me pergunto: Por quê que o homem tem que ter vícios? Por que ele não se conforma com sua própria realidade? Precisa sempre de algo mais para ser feliz? Somos escravos da maldade, prisioneiros da verdade, viciados de nossa loucura, indiciados de nossa própria amargura. Que há de errado comigo? Eu padeço sem abrigo, me afoguei num abismo. Estou preso numa mesa de jogo. Profundamente infeliz, isto o destino me diz porque continuarei jogando e perdendo e a todos dizendo sou escravo deste jogo. Coisa mínima a que preciso, consciência de mim próprio. Ora vejam, eu sou o ópio! Que mais eu prezo de minha virtude? Sou um homem sem atitude. Eu fugi dessa vida, saí em corrida, me dei liberdade, quis mudar de verdade e até fiz nova amizade. Mas logo veio o abandono e um desejo invadiu meu ser se dizendo ser meu dono e eu acabei de novo numa mesa do jogo. A minha vida hoje é um baralho na mesa, uma bola na roleta e algumas fichas de aposta em minhas mãos. Agora estou lutando, lutando para não mais me ver amando as cartas deste jogo, mas aposto tudo como vou perder. Eu não consigo mais viver. Estou perdendo tudo! Apostei minha família, meus amigos, a minha dignidade e o meu próprio caráter. Amargura, ela nos fere e não cura. Loucura, sou um ser humano dependente, e não me vejo diferente de um químico-dependente. Não sou culpado por assim viver, a culpa, eu hei de dizer, é do próprio jogo, se ele não existisse, eu não seria viciado. Deus, preciso me libertar desse vício! Não quero isto para meu ofício, preciso ser homem com indícios e probabilidades de existência porque eu não mais existo. Meu nome agora se chama aposta. O que são as cartas de um baralho? E por quê que isto me prende? Roletas, cartas, fichas, peças... por que isto me prende? Por que eu não consigo me libertar? Me libertem das apostas! Eu não quero jogar... Eu preciso viver... Eu preciso me amar... Estou preso ao inferno desta vida num tilintar de moedas e fichas que não saem de minha cabeça e que eu não posso escutar. Estou doente... Sou dependente... Tornei-me carente... Não sei mais o que buscar. Eu tenho ódio do jogo. Não suporto jogar. Não suporto baralhos, nem fichas, moedas... Ah! Eu não quero jogar... Eu não quero jogar... Mas esqueça! Eu sou um homem sem conserto. Me preendi ao meu defeito, não tem mais jeito. Estou morto e sou uma vítima! Continuarei lutando, mas sei... Continuarei jogando e perdendo e a todos dizendo sou escravo deste jogo.

*(Joga cartas no ar)*

(B.O)

DESGOSTO DE FILHA



*(Duas “meninas” entram e se olham como espelho. Arrumam-se, repetindo os mesmos gestos, até que uma conduz a outra para sentar-se numa mesa, e só então começa seu texto. Todos os que estarão à mesa ficarão paralisados a cada comentário da narradora, agindo somente nos intervalos.)*

Alguns fatos da vida são muito engraçados. As pessoas te julgam sempre pelos seus atos. Eu sempre assumi os meus, nunca me esconde de nada. Talvez esse tenha sido meu erro, fui muito odiada. Certa vez, me lembro, estava cheia, escondia um fato que todos sabiam, mas ninguém falava. Então, nesse dia, na hora do almoço, *(entra o restante da família. Tumulto.)* resolvi contar. Sem o mínimo de rodeios me fiz falar:

**FILHA**

Sou lésbica.

Todos pararam, se olharam profundamente e continuaram a almoçar, como se nada tivesse acontecido. Meu pai respirou, como se sobre isso fosse falar, mas em três palavras desviou-me até do olhar:

**PAI**

Me passa o arroz?

**IRMÃO**

Toma.

Contribuindo para a quebra...

**IRMÃO**

Pô, esse frango tá uma parada!

Minha mãe estava calada, e eu de ódio definhava:

**FILHA**

Não vão falar nada?

**PAI**

Sobre o quê?

**FILHA**

Disse que sou lésbica!

Todos pareciam dispersos, somente pararam, se olharam, respiraram e almoçaram. E em cena minha mãe agora entrava:

**MÃE**

Eu vou buscar a rabanada.

**PAI**

Está uma delícia essa salada, querida.

Nesse momento eu entrei em crise, fiquei profundamente decepcionada. Minha amiga me disse que, quando contou, foi até expulsa de casa, e ali, de todos, ninguém me notava. Então, enfurecida eu disse:

**FILHA**

Não vai buscar a rabanada!

Todos novamente se olharam, respiraram, minha mãe sentou e num descaso, acreditem, ela almoçou.

**MÃE**

Me passa o feijão?

Aquilo era completamente irreal para mim, eu não estava dizendo “quero água” ou coisa assim, era um caso sério, dizia em outras palavras “Esqueça o casamento, eu não dou pra nada”. E eles nem se quer ligaram, fingiram que não escutavam. Há essa altura eu não era mais eu, estava possessa, com o demônio na cara!

**FILHA**

O que acontece com vocês? Estão malucos, surdos ou se fazem? Eu estou dizendo que sou lésbica, lés-bi-ca, gosto de mulher, colo velcro, bato chaminé! Ouviram?

Todos pararam, respiraram, e novamente almoçaram. Eu não conseguia entender aquela atitude, em outras casas caia o mundo, na minha eles ficavam mudos. O que havia de errado? Não compreendia. Tinham combinado? Eu não sabia. Então, rapidamente, tentei atingir de outra forma:

**FILHA**

Ô mãe, a Sandrinha vem aqui hoje.

E pela primeira vez obtive um resultado:

**MÃE**

Mesmo, filha? Vem jantar?

Boa deixa, agora eu ia mandar...

**FILHA**

Vem dormir comigo, é ela a minha namorada.

Yes, comemorava, afinal tinham me percebido. Mas foi em vão, sabe o que eles fizeram? (*todos param, se olham, respiram e almoçam*) Minha paciência foi pro inferno naquele momento, junto com todos os modos. Não era possível, de nenhuma maneira se manifestavam. Parecia que ficavam surdos e certas palavras não escutavam. Sabem o que eu fiz?

**FILHA** (*chora alto e revoltosamente*)

**PAI**

Minha filha? Está chorando?

**MÃE**

O que houve, Gabi? Por que chora?

**FILHA** (*soluçando*)

Eu estou dizendo que sou lésbica e vocês não dão a mínima!

E só nesse momento me escutaram:

**MÃE**

Minha filha, nós já sabíamos, só não queríamos constrangê-la!

**PAI**

Nunca perguntamos...

Fiquei perplexa, e soluçando, perguntei:

**FILHA**

Já sabiam?

**MÃE**

Já.

**FILHA**

E não dizem nada?

**MÃE**

Dizer o quê? Não é essa a sua escolha? Nós queremos que seja feliz!

**FILHA**

Verdade?

**PAI**

Verdade.

**MÃE**

Nós te amamos.

A Sandrinha veio, nós dormimos juntas duas semanas, até que foi legal, o clima era de paz e todos nos respeitavam. Mas um dia nós brigamos e o namoro acabamos, ela não voltou, e eu, claro, fugia dos meus pais como o diabo da cruz, mas um dia foi inevitável, nós almoçamos juntos e eles então perguntaram:

**PAI**

Gabi, a Sandrinha não veio mais, vocês brigaram?

Eu prontamente respondi:

**FILHA**

Brigamos, nós... terminamos.

**PAI**

Isso passa... Daqui a pouco estão de volta!

**FILHA**

Não, nós não vamos voltar. Eu estou apaixonada... por um cara.

Todos se olharam, respiraram profundamente e almoçaram. Complementei dizendo:

**FILHA**

E... nós vamos nos casar... Estou grávida.

**PAI**

O quê? Mas isso é um absurdo! Eu não acredito numa coisa dessas... Quem é o cara?

**MÃE**

Calma, Roberto!

**PAI**

Eu vou matar esse desgraçado! Fala... quem é o cara?

E a casa caiu...

**PAI**

Menina, você merece uma surra! Venha aqui!

Ninguém é perfeito!

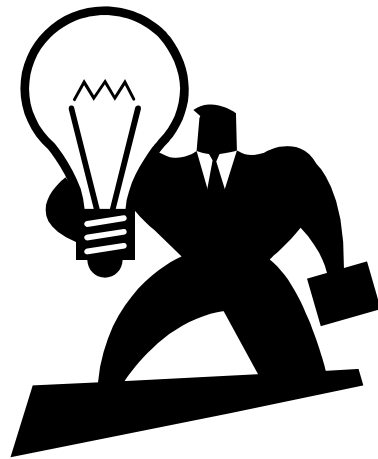
*(Tumulto)*

**PAI**

Venha aqui! Venha aqui!

(B.O)

SONHOS E ESPERANÇA



*(Uma menina, vestida de colegial, fica parada observando a platéia, não fala nada até que gere algum desconforto.)*

Estão rindo? É? Por que? Não sabem? Deve ser porque não estão na minha pele. Viu como estou vestida? Ordinária, pode falar, ridícula... que mais? Cafona... Podem rir, sou mesmo uma palhaça. Não sou atriz, sou palhaça! *(tira a mochila, joga num canto...)* Estou cheia disso tudo se vocês querem saber... Cidadezinha horrorosa! Vocês são horrorosos, ficam rindo, não sei de quê. Penso, "Meu Deus, como é que eu vim parar nesse buraco?" E Ele não responde. Nome da cidade: Caicó do Sul. Não tem shopping, não tem praça, não tem academia, não tem nada! E meus pais: -Vamos, filha, vai ser bom, lá é mais tranquilo, a cidade é boa, tem de tudo um pouco! Não tem nada! Adorei, e vocês ficam rindo... Ainda por cima me matricularam numa escola que só tem ignorantes, tem gente que nunca ouviu falar em orla! Mar então, nem se fala... Acho demais! *(enfurecida)* O que acontece com os nossos pais? Acham que somos animais? Que não temos vontades? Que não sonhamos? Que não temos ideais? Não me perguntaram se eu queria vir pra cá. Simplesmente decidiram: -Vamos levar!- Será que não percebem que eu não queria sair de lá? Tudo que eu tenho ficou por lá... meus amigos, os meus sonhos e esperanças, todos ficaram lá. Eu sonhava em ser bailarina. Isso, para mim, era importante. O que é que eu vou fazer de agora em diante? Padecer, reprimir... Que outro sonho eu posso ter nesse lugar? Caicó do Sul... Não, eu não sou burra, eu sou otária! Eu devia ter fugido, devia ter seguido o caminho que tantos outros fizeram para conseguir se realizar. Quem serei eu agora, senão o endereço da decepção? Da frustração? Isso não se faz, eles foram incoerentes, egoístas, pensaram o que seria bom para eles. E para mim, que sou filha? Não me perguntaram... Simplesmente me levaram. Apagaram tudo, meu destino e o meu futuro. Hoje falei com eles, disse dos meus sonhos, e sabem o que disseram? "Fantasia!" Conceituam o meu sonho como fantasia! Eu perguntei: -Vocês nunca sonharam? -E eles me olharam e somente olharam. Não quis mais falar, olhei, chorei e sai correndo. Ainda estamos estranhos. Não vou calar, mas também com eles não vou falar... Não vou me anular porque as perspectivas de vida deles não são iguais as minhas! Olha, pai é tudo igual, só muda o endereço. Fazem as mesmas coisas... Invadem a nossa privacidade, acabam com as nossas perspectivas e anulam as nossas vidas! Eu queria ser bailarina, esse era o sonho da minha vida. Eu queria ver, na cortina, aquela luz colorida, essa era pra ser a minha sina. Uma dia um amigo me falou: "Os sonhos foram feitos para serem vividos, você deve lutar por eles. São eles a única razão para que se viva." E eu não vivo mais, pois apagaram meus sonhos. Queiram entender, senhores... *(começa a se vestir de bailarina)* Nós somos o reflexo da humanidade. Vale a pena viver fazendo o que não se quer fazer? Ocultar seus sonhos? Torná-los ferida? Transformá-los numa pergunta que jamais será respondida? *(começa a arrumar uma corda)* Mais vale padecer nos sonhos do que viver na angústia de por eles nunca ter lutado. Não riem mais? Por que? Você tem um sonho? Você? Viram como dói ter um sonho destruído? Viram como é triste ser anulada na vida? Digam-

me, senhores, digam-me, porque há vozes que eu escuto dizendo: “Foi para poupar o sofrimento.” Poupar o sofrimento... Que sofrimento pode existir quando se há esperanças? Não se trilha o caminho de quem se ama. Eu queria ser bailarina, eu tinha um sonho e muita esperança. De que vale a vida sem os sonhos? Confesso que para mim, mais nada. Para mim, não faz sentido ser nada. Não serei eu se não for o que eu quero. (*respira profundamente*) Duras palavras de amargos encantos, beijos amargos dos lábios que eu amo, lembranças eternas aos que anularam meus sonhos. Eu queria ser bailarina, e bailarina serei, mesmo que seja enforcada.

(*Morre enforcada*)

(B.O)

UM POUCO DE LOUCURA



*(Palco escuro, surge um louco detrás de uns destroços que ficam lá no fundo. Ele observa os dois lados, ao confirmar que não tem ninguém, resolve sair.)*

Você sabe há quanto tempo eu estou aqui? Há mais de dez anos... E até hoje eu não entendi o porquê da ação de certas pessoas. São tão estranhas... Muitas estranhas! Este lugar é estranho. Tem horas que eu tenho medo, sinto alguma coisa me sufocando... *(num repente)* Mas depois eu durmo e não vejo mais nada. Às vezes eu me lembro do meu tempo de infância. Do meu pai, minha mãe... Eu brincava o dia inteiro naquela rua... *(mudando de tom)* Olha, eu não sou de todo pétalas, mas também não sou espinho! Eu tenho um coração e ele pulsa: tundum... tundum... tundum... tundum, tundum, tundum, tundum *(assustando-se)* Eu acho que estou ficando doido... Doido, doido, doido, doido... Mas eu não sou maluco! As pessoas acham que doido e maluco é a mesma coisa, mas não. Doido é doido e maluco é maluco! *(mudando de tom)* Tem uma moça que passa todo dia na esquina lá de casa. Ela é estranha. Psiu... escuta... estão fazendo um barulho na árvore. Pode ser um animal peçonhento e asqueroso, ou um ser humano! *(esconde-se)* As luzes! Onde estão as luzes? Não vejo nada. *(desesperado)* Eu estou sozinho no escuro e não vejo nada... *(num repente)* Uma luz? Há uma luz? Há uma luz! Rosa, azul, branca e verde... Amor, beleza, paz e esperança. *(mudando de tom)* Tem uma moça que passa todo dia na esquina lá de casa. Ela é muito estranha... Ela rouba o chocolate das crianças. Você já imaginou alguém que rouba chocolate de criança? É um absurdo, absurdo, absurdo, é um absurdo! *(Começa a farejar como se estivesse procurando. Olha dentro de sua bolsa, cheira os objetos que carrega.)* Estou sentindo um cheiro estranho... Algo que fede. Igual ser humano. *(Fugindo do cheiro)* Cheiro de falsidade, cheiro de traição, cheiro de corrupção, cheiro de maldade! *(Num repente)* Ai, meu peito, ele dói... Quando um sentimento embotar o seu coração e o aprisionar com suas armas, liberte-se, liberte-se! Não deixe que ele o contamine por completo, que ele o contamine por completo, contamine por completo, Não! *(Extremamente emocionado)* Eu tenho sede, sede de justiça. Eu perdi a liberdade, eu perdi a minha vida,....., *(num repente, mudando de tom)* Tem uma moça que passa todo dia na esquina lá de casa. Ela é maluca. Ouvi dizer que ela arrasta multidões... Não sei por que... Acho ela tão feia. *(num repente)* Meu Deus, está na hora do remédio! *(Procura no meio de tantos outros guardados na bolsa, espalha todos pelo chão.)* Esse não, esse não, esse não... Ah, achei... *(em particular com a platéia)* São para flatos... É que eu estou com uma flatulência horrorosa... Queria sair desse lugar, ele me apavora... *(pausa, num repente...)* Já sei, já sei, já sei! *(idolatrando-se num espelho)* Ah, como eu sou inteligente... Ah, eu sou um NERD. Ninguém é igual a mim. Eu me amo! *(Faz a pergunta para o espelho e tira para dar a resposta)* Quer fazer sexo comigo? Não, sexo não, não estou afim. Quer fazer amor? Não. Eu não sei amar ninguém. Quer viver comigo? Não, eu não vivo mais. *(mudando de tom)* Sabe aquela moça que passa todo dia na rua lá de casa, que rouba o chocolate das crianças e que arrasta multidões? Pois é, ela roubou o meu chocolate

*(Reflexivo e com sentimento)* Eu não tenho mais chocolate. Fiquei sem o meu chocolate e vim parar aqui nessa cidade. *(mudando de tom)* Estranho, muito estranho! Você acredita que eles privatizaram o inferno? Tem muito político aqui. O inferno está cheio deles. Nos dois sentidos! Privatizaram o inferno. Estavam todos lá sem fazer nada... aí, resolveram fazer política. Colocaram uma roleta na porta de entrada do inferno. Estão cobrando dez dólares por entrada! Quem não paga, queima no mármore do inferno. Mas tem que ser em dólar! Dizem que o nosso dinheiro não vale mais nada! *(Mudando de tom)* Eu não agüento mais. Quero ir embora. Eu quero ir para o céu. Lá não deve ter dinheiro, nem políticos! Aqui, todo dia eles chegam aos montes! Políticos, bandidos, assassinos... *(Num repente)* Eu não quero estar aqui quando o mundo acabar... Os bandidos virão pra cá e eu não vou poder sair... O quê que eu vou fazer? De quê que eu preciso? De quê que eu preciso? De quê que eu preciso? *(sopra para todos os lados)* É disso que eu preciso. É disso que todos precisam: Um sopro de vida.

Tente ser mais pétala e menos espinho.  
Tente amar ao próximo e não odiar seu vizinho.  
Tente ser na escuridão a luz que irradia.  
Tente pensar na comunhão que o mundo tanto precisa.  
E as luzes voltarão a brilhar no seu dia... Todas elas... Rosa, azul, branca e verde.

Pense no que eu digo e faça o que eu faço, porque eu posso até ser doido, mas eu não sou maluco! *(sopra)*

(B.O)

MINHA VIDA NA LEMBRANÇA

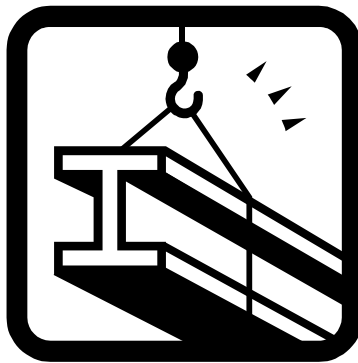


*(A personagem invade o palco e começa a limpar a sujeira feita pelo Louco, que está imóvel.)*

Certo dia ouvi alguém dizer que tudo nessa vida pode morrer, que até podemos padecer, mas é preciso ter esperança. Sempre que me vi em dificuldades, e sem nenhuma esperança, costumava olhar para o horizonte. Não sei, de fato, em que isso me ajudava, mas eu sabia, e até mesmo via, que além do horizonte havia uma nova esperança. Nunca desistam do que almejam encontrar ou conquistar, vale muito você lutar. E o que são os obstáculos, senão desafios a serem vencidos? Nunca desista, sempre persista, os desistentes nunca poderão sentir o sabor da vitória. Hoje sou artista, quando pequena diziam todos... Vai ser dentista! Desculpem-me os meus amados, mas é que fluiu muito mais forte, em mim, estar num palco do que vir a ser dentista. Não percam nunca a esperança, tente apenas ser a música que toca enquanto a vida dança. Sei que o destino é cruel, mas não deixe nunca que sua vida se torne em fel. Quantos de nós resolvemos mudar o destino? Quantos deram a ele o mesmo caminho que sua vontade persegue? Quantos de nós tentamos realmente dar, enfim, um brilho real à nossa felicidade? Talvez nos falte esperança, palavra que sai da lembrança quando se vê, em tudo, a dificuldade. Sou artista não por loucura, vaidade ou influência, nem tampouco pela audiência. Sou artista porque tenho em mim um declínio forte que não tem sul ou norte, e que se chama amor à arte. Esperança, palavra que deve estar sempre na lembrança de todo aquele que passa por qualquer dificuldade. Olhe o horizonte e veja que além dele existe um monte que espera, ansiosamente, que você o alcance, sem deixar que nada o desaponte. Além do horizonte existe um monte, e além desse monte, um novo horizonte. É preciso lutar e ser fonte para não deixar que a dificuldade o desaponte. Além do horizonte existe um monte, e além desse monte, um novo horizonte, onde tudo pode ser belo, não importa se o caminho é vermelho, azul ou amarelo, o que importa é que existe um horizonte e que se insistir, você o alcança, basta que o tenha sempre na lembrança, tendo, no entanto, esperança. Além do horizonte existe um monte e além desse monte, um novo horizonte. Lute, sonhe, busque, se faça de fonte... Não oculte seus sonhos, não perca a esperança. Além do horizonte existe um monte, e além desse monte um novo horizonte.

(B.O)

ARTE PELA ARTE



*(Um narrador... Enquanto a arte se transforma.)*

Há coisa na vida maior que a integridade?  
Seguramente diria que não,  
Mas em contraposição,  
Surge a indecência,  
Que por completa providência  
Se faz por maldade.

Sempre fui íntegro, principalmente na arte,  
Prezo seus valores, porém, há quem os descarte.  
Prefiro nem pensar de quando isso date,  
Só sei que hoje é um completo <sup>4</sup>manate.  
E lhes digo, o fizeram por maldade.  
Por isso, luto para mudar essa realidade.

Ainda acredito num teatro vivo, virtuoso,  
Um teatro sério que com o público seja bondoso.  
Um teatro descente,  
Que se torne reluzente,  
Que não torne o povo carente,  
Que não o faça ser cedente,  
Quero enfim um teatro novo,  
Que cultura leve ao seu povo.

Não agüento mais ir ao teatro,  
Por dentro eu me desato.  
São tão poucos os que fazem um ato,  
São tão poucos os que fazem dele Teatro.

Onde andaré a integridade? Não consigo ser ator nessa cidade.  
Para fazer um papel, eles querem sexo e amizade.  
Não precisa ter talento, é só não ter integridade.

Se penso, logo existo,  
Se existo, ainda mudo.  
Sou persistente, eu não desisto.  
Eu não me calo, eu não sou mudo.

Quisera viver no passado,  
E entre tantos outros ter feito <sup>5</sup>Fausto,

---

<sup>4</sup> Relativo a indivíduo dos manates, povo do Lácio na Itália.

<sup>5</sup> Fausto: Reelaboração, feita por J.W. Goethe, da história do Dr. Johannes Fausto, trabalho de autor anônimo publicado em Frankfurt em 1587.

E não viver nesse holocausto.  
O Teatro era amado, não era passado.

Hoje sim, regredimos  
E ao teatro sucumbimos.

Que seria do homem sem a arte?  
Eu me pergunto: Para onde ele parte?  
Não se tem mais o estandarte  
Da arte pela arte.

Senhoras e senhores, o espetáculo terminou.  
Mas lhes peço: não diga tão somente que amou ou odiou,  
Faça brotar a semente.  
Diga que viu uma estrela pungente passar e dizer  
Que o sol ainda vai nascer,  
Que ainda existem os que amam a arte.  
Não somente porque dela fazem parte, nem tão pouco por ser arte.  
Mas porque precisam com integridade e lealdade,  
Fazê-la viver como sendo arte,  
Sem feri-la em nenhuma parte.

Muito obrigado, amigos espectadores, pelo prestígio que nos concedem nesta  
noite,  
De ver um espetáculo culto com humildes atores.  
Somos nós simples lutadores  
Da cultura na arte para os espectadores,  
Com dificuldades tecemos um espetáculo que a todos diremos:  
Este é o nosso estandarte  
Da nossa luta pela arte.  
Muito obrigado, e uma boa noite!

(B.O)

FIM  
Oscar Calixto  
Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 2003.  
15:30:01

## PALAVRAS DO AUTOR

Escrever sempre foi algo que me deu prazer. Este prazer veio a calhar quando em propósito de trabalhar como ator surgiram as primeiras dificuldades. Descobri então, na arte, o que antes não quisera ter descoberto, que existe um lado sujo, não da própria arte, mas de alguns que fazem dela parte.

Decepções foram instalando seu sentido em meu propósito, e eu me perguntava: “Como pode ser assim viver de arte?” Não aceitava tal contravenção, sabia que existia os que realmente fazem Arte, só estava sendo difícil encontrar.

Desesperado, na angústia de trabalhar, reuni uns poucos amigos que, sentidos, e num mesmo espírito e objetivo quiseram se esforçar. Nosso princípio é o respeito, e fazer arte fazendo direito, da forma que quase ninguém mais a tem feito.

O que é a arte senão a união das definições dadas por suas próprias letras: Amor, Respeito, Talento e Esmero?

Poucos fazem arte da arte. Esquecem dos princípios, dos valores de se viver, ou de se fazer dela parte. Este texto surgiu na necessidade de se fazer algo coerente, de ser de fato diferente, de não cair na corrente que leva os muitos hoje ao teatro.

Cada quadro desta peça, de ato único, representa um universo e todos eles são dedicados a cada um dos que os darão voz e sentido, tendo certeza de que os farão com a grandeza com que devem ser feitos.

Aos colegas de trabalho, digo que é preciso muito esmero com o que se vai fazer no Teatro. Façam tudo com muito amor e dedicação. Dedicação é a palavra-chave para todos aqueles que pretendem fazer um bom espetáculo. Não sejam iguais aos muitos que fazem tudo de qualquer jeito, sejam diferentes. Com grande redundância afirmo: A diferença faz diferença!

Aos inescrupulosos e sem caráter, que fazem do teatro o que ele não é, digo: Afastem-se desta arte, ela não foi feita para os que não tem sensibilidade, para os que não tem responsabilidade, integridade e competência. O teatro não é o lugar para se comercializar e explorar o sexo, fazer concurso de beleza ou falar da vida alheia, para essas coisas existem outros palcos, e certamente não são os de teatro. O teatro se traduz em cultura, forma pensamentos, cria personalidade, por isso é que deve ser feito com muita responsabilidade. É uma profissão, e assim como outra qualquer, merece o seu respeito.

Sendo este o meu pensamento sobre os princípios básicos do teatro, deixo aqui para vocês, leitores, “Minha vida na lembrança” que traz não somente pensamentos e sentimentos de algumas vidas que, quem sabe, ficarão na lembrança, mas também a minha esperança: Um teatro justo, honesto, puro, útil, virtuoso e feito, acima de tudo, com amor, respeito, talento e esmero. Um teatro que dará sentido aos preceitos da palavra ARTE, fazendo com que fique, eternamente, e para todo o sempre guardado na lembrança dos que um dia dele se fartarem.

Oscar Calixto.

Rio de janeiro, fevereiro de 2003  
Copyright©2003 Oscar Calixto  
Todos os direitos reservados.